

Jornalismo Mediador Produtor de Conhecimentos¹

Alex Freire²
Faculdade Santa Amélia - SECAL

RESUMO

O artigo procura buscar vestígios de um jornalismo assumindo papel de mediador produtor de conhecimento. Este parece ser o desafio pertencente ao jornalismo. Informação é mensagem; comunicação é relação com o outro. Procura demonstrar a ideia de que o jornalismo não reproduz informações apenas. Ele contribui com suas narrativas para a produção de verdades, de modos de ser, de subjetividades.

Como mediador, o jornalismo oferece à sociedade uma leitura de outras leituras. Um recorte de realidade é apresentado depois de ter sido selecionado por meio de critérios que determinam sua importância e sua relevância no espaço público. Há uma função mediadora no jornalismo que torna real o que está disperso ou inacessível.

PALAVRAS-CHAVE: mediação, jornalismo, comunicação, ideias, midiático.

1. Breve histórico do conceito de Mediação

Mediação: conforme Lalande (1993, p. 656), advém do adjetivo inglês *mediate* (podendo admitir ainda uma vinculação com o francês *mediat* e, na sequência *médiation*) do qual se originou o substantivo *médiation* e seus derivados, como *intermediation*. Já em alemão, *Vermittlung*, se faz presente sobretudo na filosofia de Hegel. A palavra mediação, tomando-se como conceito, deriva objetivamente de duas vertentes filosóficas: a idealista, de origem cristã; e a hegeliana, bem como a tradição marxista. Vertentes obviamente distintas, com a primeira tendo a Teologia como herança (mediação do Cristo entre Deus e o mundo; mediação dos santos entre os pecadores e Deus) passando ao existencialismo, e a segunda, numa preocupação específica de explicar os vínculos dialéticos entre categorias separadas.

O significado mais corrente de mediação vincula-se à ideia do intermediário. Como tal é a noção utilizada num contexto da epistemologia behaviorista, como “elos

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Estudante de Graduação 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da Faculdade Santa Amélia – Secal email: alexfreiref@hotmail.com

intermediários” entre o estímulo inicial e a resposta, gerando “ao mesmo tempo, as respostas aos estímulos que os precedem e, por sua vez, estímulos para os elos que seguem” (Dubois, 1997, p. 405).

Na verdade, a apropriação filosófica do conceito não se restringe a esse sentido, podendo, sem perder o significado de intermediação, não se aplicar ao próprio elemento intermediador, mas “(...) àquele que se liga ao primeiro (ou dele deriva) por intermédio do segundo” (Lalande, idem, ibidem). Pode, também, adquirir uma feição mais processual ou ligada à idéia de movimento “(...) entre um termo ou um ser do qual se parte e um termo ou um ser ao qual se chega, sendo esta ação produtora do segundo, ou pelo menos condição de sua produção” (Lalande, idem, ibidem), e nesse sentido aparece na dialética hegeliana, como todo e qualquer termo, exceto o primeiro e o último, que se preste a operador indispensável a uma proposição teórica que assuma a pretensão de oferecer uma descrição completa do mundo.

2. Breves noções de Conhecimento e ideias

O que seria conhecimento?. O alemão Kant responde à questão ao afirmar o papel constitutivo de mundo pelo sujeito transcendental, isto é, o sujeito que possui as condições de possibilidade da experiência. Trocando em miúdos "o conhecimento é possível porque o homem possui faculdades que o tornam possível". Em Kant, há duas principais fontes de conhecimento no sujeito: primeiro, a sensibilidade, por meio da qual os objetos são dados na intuição. Segundo, o entendimento, por meio do qual os objetos são pensados nos conceitos. (KANT, 2005, p. 194)

Para Marx e Engels, a ideologia está ligada à produção das ideias pelo meio social, portanto, a realidade é contraditória. Essa elaboração demarca a posição central do materialismo histórico dos autores frente ao idealismo histórico do hegelianismo. Assim, a consciência torna-se atividade material. Nas ideias dos autores: A produção das ideias, das representações e da consciência está, a princípio, direta e intimamente ligada à atividade material e ao comércio material dos homens; ela é a linguagem da vida real. As representações, o pensamento, o comércio intelectual dos homens aparecem aqui como a emanção direta de seu comportamento material. O mesmo acontece com a produção intelectual tal como se apresenta na linguagem da política, nas leis, na moral, na religião, na metafísica etc.de todo um povo. São os homens que produzem suas representações, suas

ideias etc... A consciência nunca pode ser mais que o ser consciente; e o ser dos homens é o seu processo de vida real (Marx & Engels, 2002, p. 19).

3. Jornalismo como mediador

Não é necessário ser um sábio, ser um especialista, um filósofo ou algum agente extremamente instruído para observar a enxurrada de informações e pseudo-informações que estão sendo “jogadas” diariamente à porta de nossa casa, de nossa realidade, afrontando, por vezes, a inteligência de cada um. São tantas informações que levaríamos muito tempo apenas para enxergá-las e quanto mais para as analisarmos. Esse conteúdo está presente nas conversas, nos meios de comunicação, enfim, na internet. Sites de notícias, das mais variadas possíveis, com os mais variados temas e abordagens. São redes sociais, blogs, microblogs e uma infinidade de ferramentas utilizadas para que os conteúdos sejam disponibilizados à quem quer que tenha acesso.

Trata-se de uma realidade diferente. Um algo novo. E como toda novidade, existe ainda uma discussão e uma apreensão sobre como deve ser tratada essa grande produção de conteúdos? Quem pode analisar o que é bom, o que serve para a produção do conhecimento, o que é relevante para a sociedade, para o ser humano, para o Mundo afinal?

A comunicação pode ter essa prerrogativa. Pierre Bourdieu (1993, p.04), explica que, em torno de uma palavra, emerge um discurso fundamentado em pressupostos cognitivos e definições normativas, de forma que ela adquire uma existência objetiva.

Esses questionamentos que ainda estão sendo analisados pelos estudiosos, pelos cientistas, pesquisadores devem e podem originar variáveis que serão objetos de novos estudos. Os comunicadores sociais, mais precisamente os jornalistas, possuem um conhecimento que pode os auxiliar a, além de outros campos (campo no conceito mesmo de Bourdieu), um protagonismo no sentido de mediadores dessa enxurrada de conteúdos produzidos e jogados nos meios de comunicação social. O jornalista possui essa capacidade de fazer um recorte do fato e apresenta-lo demonstrando o todo.

Essa seleção pode acontecer e acontece também com relação ao que é interessante de acordo com a institucionalização do profissional. “As decisões tomadas pelos jornalistas no processo de produção das notícias só podem ser entendidas inserindo o jornalista no seu

contexto mais imediato – o da organização para o qual ele ou ela trabalham” (TRAQUINA, 2001). A notícia, assim, passa a ser entendida como uma representação social da realidade cotidiana produzida institucionalmente, que se manifesta na construção de um mundo possível (ALSINA, 1996).

A realidade midiática é seletiva. Ela segue as mesmas regras que um ser humano obedece para entrar em contato com a realidade. Só alguns aspectos do mundo exterior são absorvidos. A realidade midiática apresenta a realidade primária através de uma extrema redução de complexidade. Como já foi discutido, a realidade midiática que o jornalismo produz não é e não pode ser a realidade primária. Ela é uma representação da realidade primária. (Spanholz, 2009)

A importância do jornalismo como mediador cresce ao se deparar com casos de morte de pessoas que foram confundidas com bandidos. Notícias de falsos sequestros, mortes e acidentes com artistas. Em tempos de crise ideológica e política, o que se vê, ouve circulando nos meios de comunicação, nas redes sociais assusta á medida que muito do que é postado, até mesmo noticiado como “verdade” acaba mesmo influenciando e até mesmo formando uma opinião, que generalizada, causa grande transtorno á sociedade. Instala-se aí a reprodução da desinformação.

De acordo com Bourdieu (1997, p. 65), “o campo jornalístico detém um monopólio real sobre os instrumentos de produção e de difusão em grande escala da informação”. Não podemos, portanto, deixar de considerar que estes meios de comunicação tem entrado cada dia mais com poder e a influência que estes meios possuem na sociedade e que podem causar uma instabilidade real.

Steinberger (2005, p. 92) traz que nos discursos jornalísticos, há uma especificidade no modo de recortar os fatos. O fato não se confunde com a notícia. É preciso lidar com a substância específica de ‘atualidade’ e com o recorte do acontecimento como fato jornalístico ou noticioso. Isso pressupõe condições de noticiabilidade, como por exemplo, que o fato seja de interesse público, que sua divulgação preste algum tipo de serviço à comunidade receptora, que ele tenha um potencial de sedução apelativa, ou seja, capacidade de despertar a curiosidade e a atenção dos potenciais receptores etc.

Um grande problema é que o fato dessa curiosidade do público estar explícita, leva os meios de comunicação a explorar os noticiários com espetáculos de tragédias com o simples objetivo de alcançar um maior índice de audiência.

Nesse sentido, faz-se necessário, a ação de um agente que possa e tenha mecanismos necessários para uma análise e que essa análise seja uma espécie de leitura social. Com essa leitura, apresentar aquilo que realmente é relevante à sociedade como notícia, com credibilidade e que se aproxime ao máximo do real. Segundo Bakhtin (1990, p.34), qualquer processo de apreensão da realidade é, inevitavelmente, um exercício de interpretação. No momento da leitura de qualquer texto, há um diálogo não só com os signos presentes na superfície textual, como também com outros anteriormente conhecidos, ou seja, a narrativa é assimilada a partir do repertório dos atores sociais. Esse processo culmina numa “resposta a um signo por meio de signos” (Bakhtin, 1990, p.34).

Principalmente na internet o processo jornalístico ganha características chave como a hipertextualidade, a interatividade, a convergência de mídias, a personalização do conteúdo, a memória e a atualização contínua de informações (Palácios, 2002, p.02), cabendo ao jornalista escolhas que garantam que a atividade alcançará seu objetivo, informar.

O Jornalismo atua na construção da realidade, mas é constituído por essa própria realidade. Não existe construção do real se não há uma audiência ativa que interpreta e reinterpreta os fatos (BOURDIEU, 2002). Com a possibilidade de interatividade do interlocutor com o a notícia narrada, postada, veiculada um perigo eminente ronda a pós-produção jornalística. “A diferença é que o novo consumidor quer intervir. Ele vai à informação, não espera que lhe entreguem nada. Ele mexe com a informação, costura dados separados e os junta, comenta, republica, distribui. A palavra de ordem, novamente é mashup: mistura.” (Doria, p. 197, 2009).

Ao somar a interatividade ao fator de visibilidade que a internet oferece pode-se reconhecer a presença de trolls. O termo troll foi criado na USENET, à partir da expressão “trolling for suckers”,³ caracteriza-se como comentários maldosos e agressivos sobre determinado assunto.

³ Isca para trouxas

“Trolls tentam transformar uma discussão através de conteúdos inflamatórios e agressivos, esperando provocar uma resposta emocional. O troll “ganha” quando a discussão decai para efusivos brados virtuais. [...] O resultado é um círculo vicioso e muitas vezes mortal de reações e contrarreações.”(MacKinnon;Zuckerman, 2011)

Nesse contexto os trolls são usuários que pretendem causar polêmica em relação a assuntos, pessoas ou fatos ocorridos, nas redes sociais os seus comentários acabam tomando uma grande proporção, uma notícia pode repercutir de maneira muito maior à partir de uma trollagem.

“ [...] antes, muitos apenas comentavam em pequenas rodas (de conversas); hoje a roda cresce na proporção de quem acompanha as opiniões sobre os fatos noticiados, seja replicando uma informação (seguida de seu link) ou reforçando uma opinião, ou mesmo divulgando um fato como forma de disseminar a informação, principalmente aquele de última hora, ou melhor, de último minuto, própria da internet.” (PRADO, 2011, p. 199)

Esse tipo de ferramenta, se é que podemos chamar assim, pode ser algo benéfico na disseminação da notícia como um fato, bem como nocivo, já que a interpretação errônea e, por vezes, de má fé pode levar ao caos e a tragédia. É de bom tom salientar que as trollagens, não ocorrem apenas no meio virtual, mas também nos comentários das notícias nas rodas de amigos, nos bairros, nas periferias, e onde quer que seja discutida uma notícia. Remete-se àquela antiga brincadeira de criança, denominada “telefone sem fio” onde uma frase é dita á uma pessoa, que é primeira da fila, e essa pessoa vai repassando às outras, de uma para outra, até chegar á ultima, e aí verifica-se qual a mensagem que chegou. Nos remotos tempos tratava-se de diversão. Em termos de noticia pode se tornar um grande perigo.

Em meio à esse oceano de informações e notícias que chegam por todos os tipos de meios e telas, a atividade jornalística de mediação torna-se uma aventura em buscado cidadão que encontra-se perdido. Faz-se necessário um agente para ordenar o caos. Em meio a essa perspectiva (NEVEU, 2006; RINGOOT; UTARD, 2005; MACHADO;

PALACIOS, 2003) elegem o jornalista como organizador do tráfego de afluência na rede. E ele é quem vai selecionar (uma nova forma de gatekeeper?), filtrar, hierarquizar as informações despejadas em fluxo contínuo.

Na perspectiva de Néveu (2001), é justamente neste contexto que o jornalismo nas sociedades denominadas democráticas estaria vinculado ao educador, responsável por conceder uma certa orientação diante do caos dos acontecimentos, sem a imposição de uma determinada visão ou grupo majoritário, pelo menos numa perspectiva ideal. Dessa forma, a imagem do jornalista como um mediador neutro, a parte dos jogos sociais e da disputa de interesses, se encontra vinculada à busca de objetividade no exercício da profissão. Moretzsohn (2002) afirma que é esse ideal que move o imaginário coletivo em torno da preservação ética dos jornalistas frente aos constrangimentos políticos e econômicos a que são submetidos diariamente na produção da notícia.

Pode-se então perguntar: Mas não é esse o papel do jornalismo? A resposta pode ser: é isso e muito mais.

4. Jornalismo como produtor de conhecimento

Um sujeito consciente, ou pelo menos devia ser, o jornalista é quem constrói representações de um todo. Ele conta a história de um real, através de um recorte, e a seu prisma, o devolve a sociedade. Isso, no entanto, sem deixar de emprestar sua cognitividade ao fato descrito.

O jornalismo é considerado um meio de conhecimento e uma importante via de acesso à realidade. A definição de Genro Filho (1987, p. 60 e 66) aponta para o conhecimento como “a dimensão simbólica do processo global de apropriação coletiva da realidade”, e o jornalismo um dos gêneros de conhecimento. Sendo assim, como qualquer outra modalidade de conhecimento, o fazer jornalístico se constituiria “como revelação e atribuição de sentido ao real”.

Como relata Eduardo Meditsch, o jornalismo é, sim, uma forma de produção de conhecimento; contudo, pode, na prática, tanto servir para reproduzir outros saberes, quanto para degradá-los, e por vezes faz os dois simultaneamente. (MEDISTCH, 1997, p 198).

O jornalismo produz, reproduz e ainda concede a perspectiva de outrem a produzir o conhecimento. Reproduzindo o fato, através de um recorte, acrescenta conhecimentos adquiridos em sua trajetória de mundo e da ao seu destinatário a possibilidade de, além de reprodução, uma nova produção de conhecimento, partindo do princípio que esse outrem também tem seus cargos de conhecimentos e pode fazer um juízo particular do relatado. Já que para Meditsch, o Jornalismo não apenas reproduz o conhecimento que ele próprio produz, reproduz também o conhecimento produzido por outras instituições sociais. A hipótese de que ocorra uma reprodução do conhecimento, mais complexa do que a sua simples transmissão, ajuda a entender melhor o papel do Jornalismo no processo de cognição social. (MEDITSCH, 1997, p.3).

O simples fato de um jornalista conseguir transmitir a informação, em forma de notícia, como seus métodos, suas técnicas, seus argumentos enfim com seu conhecimento como profissional atuante em mídias, ou pesquisador já são vestígios da produção de conhecimento. Para efetuar esse trabalho, esse agente produtor, no mínimo precisa de um conhecimento de Mundo, através dele, proporciona o conhecimento de Mundo ao seu interlocutor. Para Van Dijk:

O estudo do conhecimento nas notícias é vital para o entendimento de muitos aspectos fundamentais da produção e compreensão noticiosa. (...) os jornalistas dificilmente podem produzir notícias sem algum tipo de conhecimento “do mundo”, e especialmente de novo conhecimento do mundo. Esta consideração bastante óbvia, no entanto, levanta muitas questões complexas (VAN DIJK, 2005, p. 14).

O autor vai além, e proporciona a possibilidade uma discussão sobre a aquisição do conhecimento de Mundo, através das matérias jornalísticas. Através da estruturação dessas matérias, ou dessa produção, diz que as coisas ou estados de coisas do Mundo podem ser assimiladas à medida que temos a capacidade cognitiva dessa compreensão, podendo ainda, permitir uma espécie de revolução na consciência, a partir dos referenciais e dos sentidos inerentes a cada um. Van Dijk (2005) observa a interligação entre o conhecimento pessoal, o conhecimento interpessoal, o conhecimento grupal/social e o conhecimento cultural, cuja disseminação mais generalizada fica a cargo da mídia.

Considerações finais

A ideia norteadora do presente artigo é reforçar, por meio das práticas sócio discursivas de interação, as conquistas da democracia, sendo a principal delas observada neste trabalho o direito de participação dos leitores cidadãos. Uma observação salutar, é a de que o trabalho jornalístico, passa também a ter a capacidade de mediar, além de escolha de pauta, recorte do fato e outras ferramentas utilizadas pelos jornalistas, aquilo que é postado pelos leitores, até mesmo em relação ao perigo, que uma interatividade como as trollagens, oferece à sociedade. A cidadania também é observada, no momento, em que o cidadão exerce o poder de interagir, e até mesmo coparticipar na produção de ideias, notícias, exercendo a democracia dos ideais.

Outro objetivo desse artigo foi encontrar e discutir vestígios capazes de desenvolver a ideia de que o jornalismo se constitui como uma forma de conhecimento. Primeiramente foi desenvolvido um diálogo entre autores promovendo um debate em torno do tema. Em seguida pode-se observar que os fatos recortados pelo jornalismo servem como base para a produção de conhecimento social e historicamente construída; ao mesmo tempo o jornalismo possui a característica de socialização entre os seres sociais.

REFERÊNCIAS

ALSINA, Miguel Rodrigo. La construcción de la noticia. Barcelona, Buenos Aires, México: Paidós, 1996.

BOURDIEU, P. Sobre a televisão. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. In: BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CORNU, Daniel. Jornalismo e verdade. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

GENRO FILHO, Adelmo. O segredo da pirâmide: por uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê, 1987.

KARAM, José Francisco. A Ética Jornalística e o interesse público. São Paulo: Summus, 2004.

MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. Modelos de jornalismo digital. Salvador: Edições GJOL. Calandra, 2003.

MEDITSCH, Eduardo. O jornalismo como forma de conhecimento. Florianópolis: 1992.

MORETSZHON, Sylvia. Jornalismo em “tempo real” – o fetiche da velocidade. Rio de Janeiro: Revan, 2002

NÉVEU, Erik. Sociologiedujournalisme. Paris (França): La Découverte, 2001.

PARK, Robert. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz. A era glacial do jornalismo. Porto Alegre: Sulina, 2008.

PEREIRA JÚNIOR, Alfredo. Decidindo o que é notícia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

RINGOOT, Roselyne; UTARD, JeanMichel. Le journalismeen invention. Nouvelles pratiques, nouveaux acteurs. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2005.

STEINBERGER, Margarethe Born. Discursos geopolíticos da mídia: jornalismo e imaginário internacional na América Latina. São Paulo: Cortez, 2005.

TRAQUINA, N. O estudo do jornalismo no século XX. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

VAN DIJK, Teun A. Notícias e conhecimento. Revista Estudos em Jornalismo e Mídia – v. II, nº 2, 2º Semestre de 2005 – Revista Acadêmica Semestral – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo e Mídia da Universidade Federal de Santa Catarina.